

WAGNER MERIJE



**CONHECE-TE
A TI MESMO**

**PENSAMENTOS E PRÁTICAS
À PROCURA DE NOVAS PRIMAVERAS**

CONHECE-TE A TI MESMO

pensamentos e práticas
à procura de
novas primaveras

Wagner Merije

(c) Aquarela Brasileira Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M561c Merije, Wagner

Conhece-te a ti mesmo: Pensamentos e Práticas à Procura de Novas
Primaveras / Wagner Merije. - São Paulo : Aquarela Brasileira Livros,
2021.

52 p. : il. ; 11,5cm x 15,5cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-86867-08-4

1. Educação. 2. Ensaio. 3. Comportamento humano. 4. Justiça. 5.
Equidade. 6. Descolonização da mente. 7. Ações para construir o futuro. I.
Título.

2021-1463

CDD 370
CDU 37

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação 370
2. Educação 37

DL: 482521/21

Aquarela Brasileira Livros
www.aquarelabrasileira.com.br
facebook.com/aquarelabrasileira
e-mail: faleaquarela@gmail.com

Projeto gráfico: **Aquarelistas**
Design: **Rômulo Garcias**
Produção: **Bella Rossi**
Revisão: **Maria Rita Cândida**

Temos que falar sobre libertar mentes
tanto quanto sobre libertar a sociedade.

Angela Davis

Sem futuro, o presente não serve para nada,
é como se não existisse,
Pode ser que a humanidade venha
a conseguir viver sem olhos
mas então deixará de ser humanidade.

José Saramago

Quando a casa do vizinho está pegando fogo,
a minha casa está em perigo.

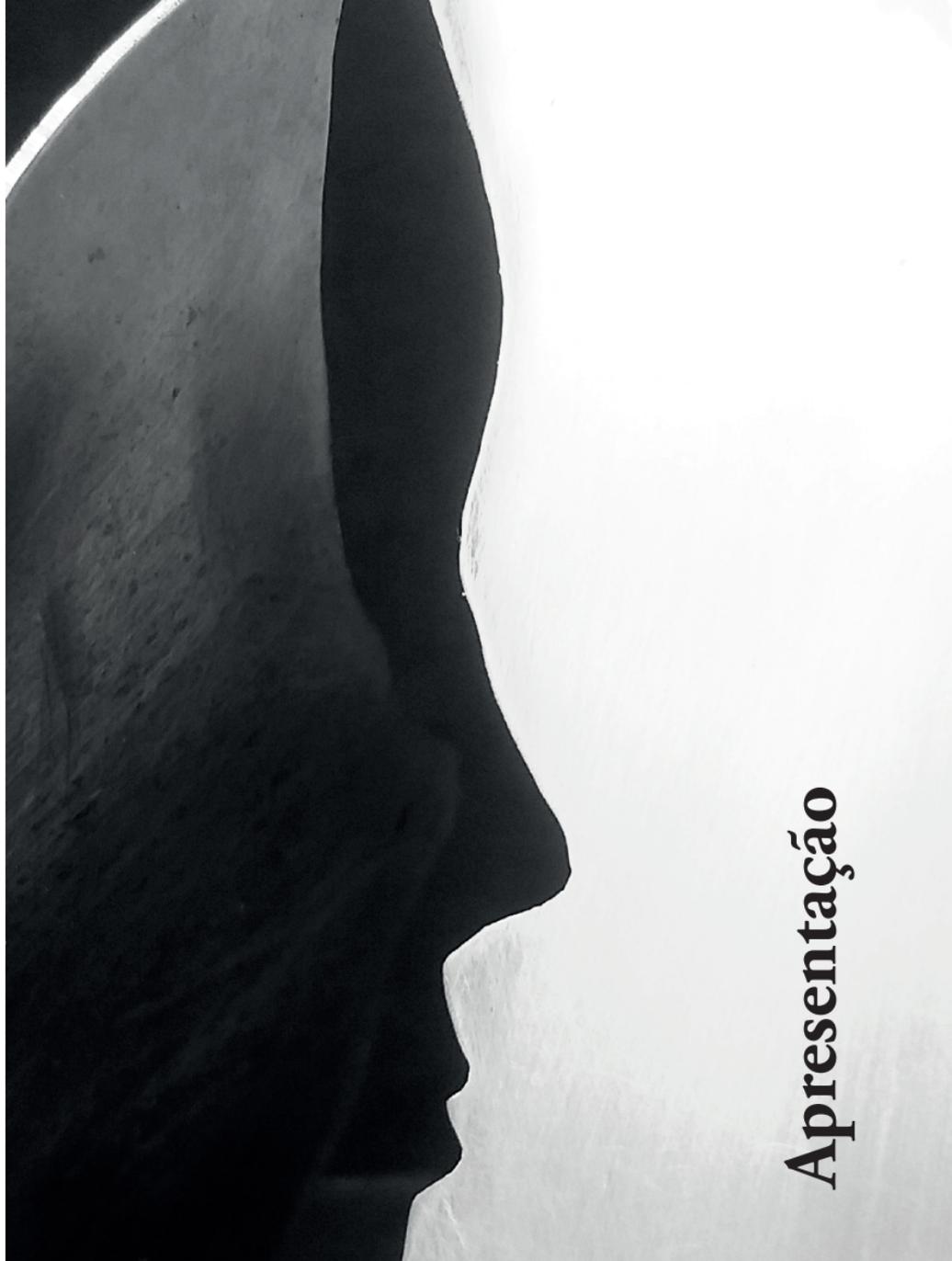
Horácio

À Dora: farol de vida

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Apresentação | 9 |
| Prefácio | 13 |
| Conhece-te a ti mesmo Pensamentos e Práticas à Procura de novas Primaveras | 17 |
| Agradecimentos | 51 |
| Constelação de Pensamentos, Palavras e Ideias | 52 |

Apresentação



O objetivo desta coleção **Educação, Pensamento & Ação** é apresentar aos leitores jovens e aos maduros questões importantes e que precisam ser melhor debatidas em busca de soluções conjuntas para o bem do coletivo. “A educação necessita tanto de forma técnica e científica como de Humanidades, sonhos e utopias”, e Paulo Freire estava certo também quando disse que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

A natureza, de inúmeras belezas, também é brutal e pode promover a nossa extinção com facilidade. No fundo, somos todos indivíduos frágeis. Sem uma determinada organização e elevado instinto de justiça e solidariedade, muitas vidas serão perdidas. Ao mesmo tempo, somos seres plurais, o universo é composto de muitas vidas, e só o respeito mútuo permitirá a comunhão dessas vidas no Planeta Terra.

Daqui a um tempo muitos de nós recordarão que houve um grande período de confinamento e que bilhões de pessoas foram obrigadas a parar, observar e refletir sobre o mundo e a vida. Trancados em casa por dias e dias

(quem pôde, enfim), muita gente se viu a mensurar o valor das amizades, das companhias, da simplicidade, ao invés de contar quantas roupas ou sapatos, quantos carros ou privilégios que o dinheiro poderia comprar.

Em que acreditamos? Como agimos? O que podemos fazer que não fizemos? Era bom que pudéssemos trocar umas ideias sobre uma série de assuntos.

Eis um convite para ler estas páginas e refletir a sério sobre questões fundamentais, que vão de encontro ao desejo ou ao projeto de rever pensamentos e práticas, linguagens e atitudes.

Por mais que alguns pragmáticos senhores e senhoras da verdade preguem conta, não podemos prescindir de filósofos, sociólogos, artistas e escritores.

Cabe a todos, mas principalmente aos que não fogem da reflexão, elaborar a confusão dos nossos dias em busca de tornar as coisas mais simples e inteligíveis. Precisamos, nas ações cotidianas, promover um exercício equilibrado de criação, formação e expansão de saberes.

Entretanto, a maior catástrofe é não evoluir, ou evoluir

12 como pensávamos que evoluíamos. É hora de termos o apoio da inteligência, do amor e da dignidade, para sermos seres livres e felizes.

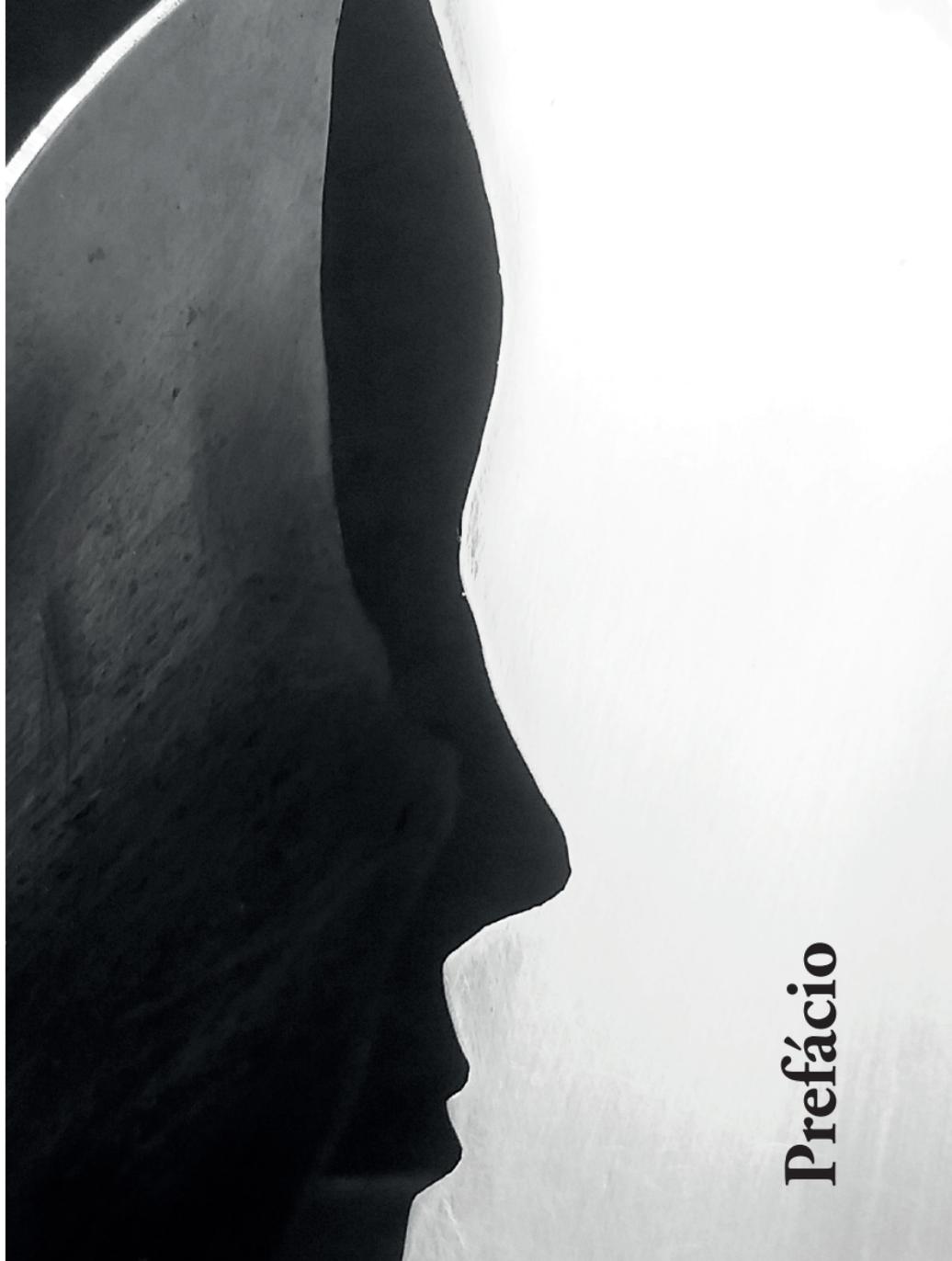
Nosso mundo é hoje, mas importa pensar que mundo deixaremos para as crianças do amanhã, especialmente numa fase da civilização em que a educação dos filhos é, por necessidade, muitas vezes delegada a outras figuras e instituições.

A proposta é colocar em discussão vários temas, como a educação, a arte, a justiça e a injustiça, o afeto, a maternidade, a família, o racismo, a violência, a economia, a ecologia e muito mais.

Que vozes diversas venham se juntar a este ágora coletivo e plural.

Leiam! Leiamos!

Wagner Merije



Prefácio

Entre profecias e fatos

Wagner Merije é um pensador de ação. Como não se vê muitos sob os frontispícios das instituições acadêmicas. Segue em uma tradição lusófona de escritores comprometidos com o momento atual. Este seu instigante libelo evoca pensadores que podem apresentar alguma antinomia, causando uma polarização eletrizante. Já nas citações de abertura de *Conhece-te a ti mesmo: pensamentos e práticas a procura de novas primaveras*, percebe-se logo o tom de fanfarras do que virá a seguir, com a convocação da pantera negra Angela Davis, do engajado escritor português José Saramago (1922-2010) e do poeta romano e militar Horácio (65 a.C.-8 a.C).

Enquanto Davis aponta para a ação, “temos que libertar mentes”, Saramago argumenta dentro do seu proverbial ceticismo, “sem futuro, o presente não serve para nada”, o poeta Horácio apela à ponderação do coletivo, lembrando-nos que o fogo incontrolável atinge a todos. Wagner

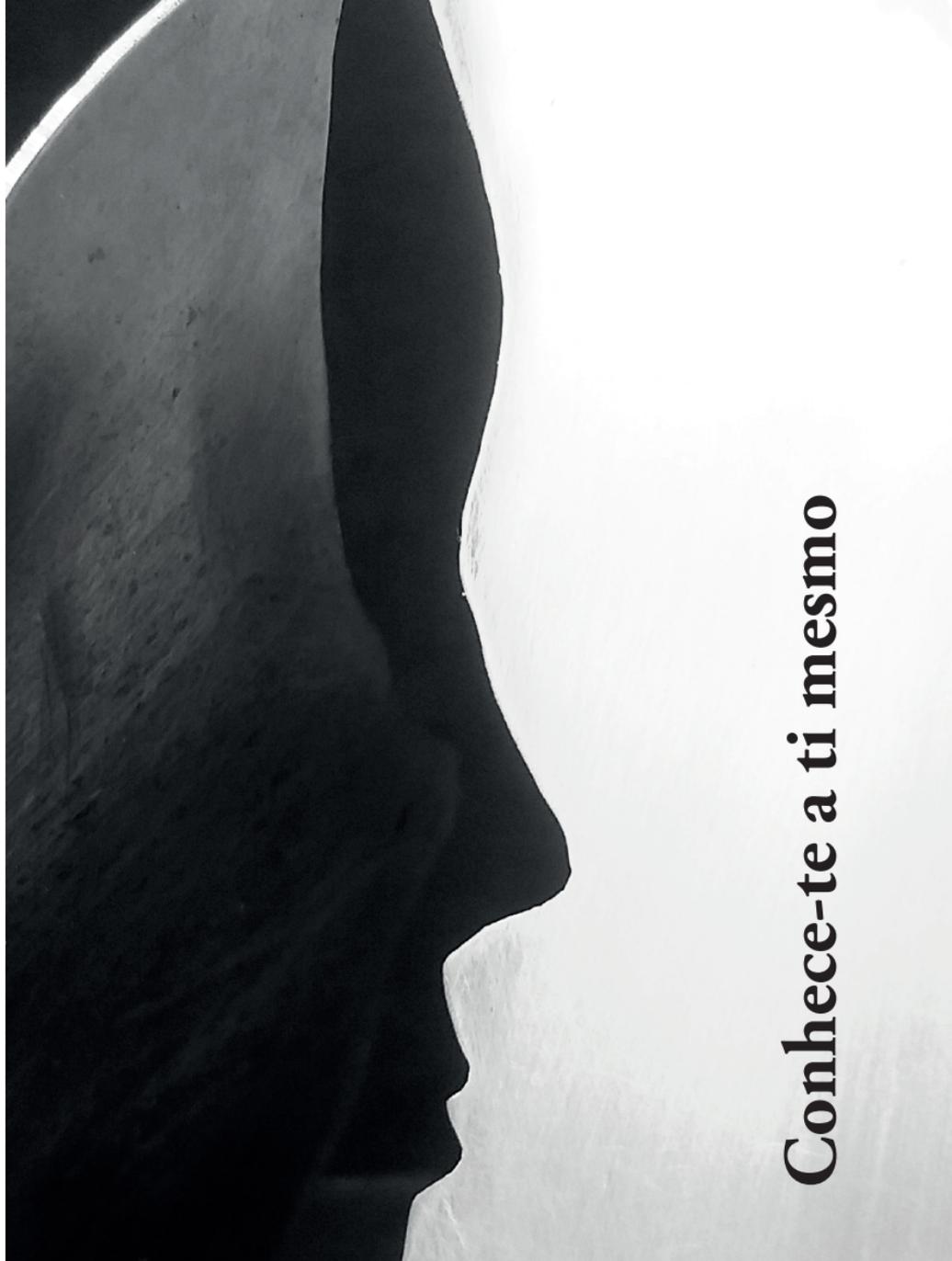
Merije adiciona ainda mais caldo ao grupo: “Que vozes diversas venham a se juntar a este ágora coletivo e plural. ” Entretanto, o impasse em que a humanidade se encontra hoje, muito bem explicitado pelo autor, não foi uma doença a nos cegar. Saramago nunca suspeitaria, mas o destino legou-nos um vírus que nos bloqueia o olfato. A conclusão é uma humanidade que *nem fede, nem cheira*, para continuar na parábola do escritor português, e que pode muito bem ser eliminada como um punhado de parasitas inúteis, como alerta Wagner Merije.

O autor deseja novos mundos, em que a humanidade possa se reconhecer e se reconciliar com a paixão existente no multiverso (na citação do ensaio “The Lemonade Ocean & Modern Times” do anarquista Hakim Bey, *aka* Peter Lamborn Wilson,).

Para obter algumas pistas, Merije visita os oráculos e faz interessantes analogias, identificando-se com estas figuras descritas nos mitos, como aqueles que se situavam entre os dois mundos, o terreno, limitado, e o eterno, ilimitado. Daí o título do livro, recordando a citação do templo de

16 Apolo em Delfos, “conhece-te a ti mesmo”. Tal como o seu inquisidor, o oráculo é um pensador de ação, “pensamentos exigem práticas”, profetiza. E enumera algumas propostas, a título de exemplo. Aguardemos que elas tragam com este livro de Wagner Merije tempos menos cinzas e isolados. As novas primaveras.

Marcia Langfeldt é jornalista, escritora e pesquisadora. É mestre em literaturas de língua francesa pela UFRJ, no Rio, e doutora em estudos lusófonos pela universidade Sorbonne Nouvelle, em Paris.

A high-contrast, black and white graphic of a human profile silhouette. The silhouette is dark and occupies the left and bottom portions of the frame, set against a light, textured background. The profile is facing right, showing the forehead, nose, and chin. The background has a subtle, grainy texture.

Conhece-te a ti mesmo

Conhece-te a ti mesmo Pensamentos e Práticas à procura de novas primaveras

Segundo algumas pesquisas científicas, estima-se que entre três até 100 milhões de espécies habitam o planeta Terra — animais, plantas, insetos, micróbios e vermes —, podendo variar para mais ou para menos. O que levou os humanos a se acharem o centro do universo? Quem lhes deu o direito de decidir sobre a vida ou a destruição de tudo? Racionalidade ou irracionalidade?

Em busca de respostas para estas e outras questões que afligem a tantos, resolvi buscar a ajuda de um oráculo.

As civilizações antigas consultavam oráculos para diversas finalidades: fazer previsões do futuro, para revelar coisas ocultas ou da vontade dos deuses. A palavra oráculo também poderia se referir à própria divindade ou ao local onde a previsão era feita.

Na mitologia escandinava, Odin levou a cabeça do deus Mimir para Asgard para ser consultada como oráculo. Na tradição chinesa, o *I Ching* foi usado para adivinhação na dinastia Shang, embora seja muito mais antigo e tenha profundo significado filosófico.

Dentre todos os que existiram na antiguidade, os oráculos mais conhecidos foram o de Delfos (importante cidade grega, dedicada ao Deus Apolo), os de Zeus (em Olímpia e Dodona) e o de Ámon, localizado no deserto da Líbia.

Para que o devoto que ia consultar o oráculo refletisse sobre sua conduta e se mantivesse na linha, as paredes do oráculo de Delfos foram gravadas com preceitos atribuídos aos sete sábios da Grécia. Eram mais de 140 sentenças, todas muito breves, feitas para ser memorizadas. Incluíam recomendações sensatas como “seja imparcial”, “fale com franqueza”, “escute a todos” e “não dependa da força”.

Três dessas inscrições, por serem consideradas as mais importantes, foram postadas à entrada da morada de Apolo, em caracteres bem visíveis. A primeira era *gnōthi seautón*

(γνωῖθι σεαυτόν), cuja tradução mais consagrada é “conhece-te a ti mesmo”. A segunda, *mēdén ágan* (μηδὲν ἄγαν), pode ser lida como “nada em excesso”. Já a terceira tem algo de enigma e foi interpretada de maneiras variadas ao longo do tempo: trata-se de *engúia pára d’átē* (ἐγγύα πάρα δ’ἄτη), que poderia ser traduzida como “uma caução, depois a ruína” ou “fia, e depois a ruína”.

Quanto à primeira, era uma mensagem para o sujeito entender que não era um deus, que tinha os seus limites como ser humano, que era mortal. Era uma frase que exortava à mesura, à contenção de si, à humildade.

Ao consultar o oráculo que me foi possível, a presença divina assim contestou-me: O que você busca? Respostas para adentrar um novo mundo!, respondi, um pouco apreensivo. Sou uma pedra. Estou acostumada a ver de tudo. Se queres ouvir, abre bem a escutatória. Os seres humanos estão confusos, tremem perante os monstros que criaram e parecem não entender de onde vieram, com quem compartilham o mundo e para onde vão. Pois escute, e digo a quem quiser ouvir, preste atenção, quem sabe isso que lhe

recordarei ajude os humanos a se harmonizarem novamente com a Terra.

Há muito tempo atrás, Aiakos (ou Aeacus), filho de Zeus e Aegina, foi levado pelo pai à ilha deserta de Enone (depois chamada de Aegina) e lá deixado com a incumbência de tudo e de todos cuidar. Antes de partir de volta, Zeus, o deus dos deuses, tentou transformar o filho, um de seus preferidos, em imortal. Porém as Parcas, que representam o destino, o impediram.

Aiakos cresceu e fez da ilha um próspero reino, tornando-se famoso por seu senso de justiça e compaixão, qualidades essas que o fez famoso a ponto de ser convocado em toda a antiga Grécia para presidir julgamentos.

Acontece, que quando Hera, a esposa de Zeus, descobriu a infidelidade, enviou uma terrível seca e uma praga que dizimou tudo na ilha. A devastação começou sob um sol escaldante que deixava homens e animais em agonia. Os solos tornaram-se inférteis, os poços e mananciais secaram e a pouca água que restava foi envenenada por milhões de serpentes. A ilha foi se transformando num

22 deserto desolador, até que Aiakos suplicou ajuda a seu pai.

Ouviu-se então um trovão e começou a chover na ilha, fazendo cessar o calor e trazendo água pura aos riachos e fontes. Porém era tarde demais, pois toda população e animais tinham perecido. Apesar disso, Aiakos se propôs a recomeçar e reconstruir seu reino. Semeou e cuidou das plantações.

Um dia, sentado debaixo de um frondoso carvalho, Aiakos viu uma multidão de formigas ocupadas com seu trabalho, subindo o tronco carregando grãos. Sozinho, ele desejou intensamente ter uma população na ilha tanto quanto aquelas inúmeras formigas.

De repente, a árvore agitou-se e uma multidão de formigas foi ao chão. Para a surpresa do filho de Zeus, elas começaram a aumentar de tamanho, ficaram eretas e finalmente tomaram a forma humana.

Ávidas para buscar seu alimento e perseverantes na conquista de sua sobrevivência, os homens-formigas ou Mirmidones, saudaram Aiakos como seu rei. Nesse instante o coração do monarca se encheu de esperanças, e ele viu seu

reino ser reconstruído, tornando-se próspero novamente.

O vento soprou por entre o silêncio. Calmamente o oráculo prosseguiu: Feliz, Aiakos casou-se com Endeis, com quem teve dois filhos: Peleu e Telamom.

Os Mirmidones ou Mirmidões depois viriam a ser conhecidos com os lendários guerreiros que acompanharam Aquiles à Guerra de Tróia.

Embora fossem destemidos e corajosos, sua origem não estava numa raça belicosa e sanguinária, mas na espécie pacífica e laboriosa das formigas, que em grego significa *myrmex*.

O mito de Aiakos serve para refletirmos sobre os tempos de crises que fazem parte da vida, que não costuma ser linear. Há tempos de abundância e mordomias, mas podem surgir percalços arruinando tudo o que se construiu ao longo do tempo. Recomeçar depois de um fracasso exige criatividade e aprendizado com os erros. A grande questão é como nos sentimos e reagimos diante das incertezas da vida.

Chegou a hora do ser humano parar de tentar se impor sobre o Planeta e perceber o sentido da comunhão. As

misérias da civilização têm desviado a Terra e a humanidade de seu próprio destino num sentido literalmente cósmico.

Brecht foi quem disse que, tanto ontem quanto hoje, quem deseje combater a mentira e a ignorância tem de lutar, pelo menos, contra cinco dificuldades. É-lhe necessário a *coragem* de dizer a verdade, numa altura em que por toda a parte se empenham em sufocá-la; a *inteligência* de a reconhecer, quando por toda a parte a ocultam; a *arte* de a tornar manejável como uma arma; o *discernimento* suficiente para escolher aqueles em cujas mãos ela se tornará eficaz; finalmente, precisa de ter *habilidade* para difundir a verdade entre estes e os outros.

O retrato que temos mostra um mundo no qual o interesse pelos lucros recordistas se sobrepõe à sobrevivência da própria humanidade e de todos os ecossistemas existentes, algo que encontra reflexo na negação absurda e chocante, por parte de determinados governos e dos bilionários, dos efeitos do aquecimento global e da necessidade urgente de ações regulatórias que impeçam o sacrifício do Planeta. Se o ser humano não melhorar em tudo, não vai haver máscara ou remédio que ajude-o a respirar.

A ciência emite prognósticos a partir de um acúmulo rigoroso e consistente de dados, modelos e análises das coordenadas do sistema Terra. Esses prognósticos, sóbrios em suas formulações, revelam-se não raro sombrios e assustadores. Isto significa que um aquecimento médio global de 3°C acima do período pré-industrial, que é, mantida a trajetória atual, a mais otimista projeção para este século, significará o fim das florestas tropicais e a conversão em savana do que resta da floresta Amazônica, pela ação combinada de secas e incêndios, com adicional liberação de CO₂ na atmosfera. É preciso estarmos alertas para o fato de que tal nível de aquecimento conduziria à ultrapassagem de pontos críticos no sistema Terra, além dos quais há alta probabilidade de uma transição para temperaturas ainda mais altas.

Talvez seja mesmo muito difícil e penoso para parte da sociedade admitir o fracasso puro e simples de nosso modelo econômico e civilizacional. Para muitos, ainda é conveniente e rentável continuar a pensar segundo o paradigma do crescimento econômico e dos “milagres”

criados pela revolução tecnológica permanente a que estamos habituados, desde, pelo menos, o Iluminismo e o advento do capitalismo industrial no século XVIII.

Mas, o que muitos ainda não percebem, é que pela via atual corremos o risco de não resolvermos mais nossos problemas e, assim, não nos aproximaremos mais desses objetivos. Ao contrário, começaremos em breve — na realidade, em parte já começamos — a nos distanciar aceleradamente deles.

Não espanta que, orgulhosa de seus avanços tecnológicos em todas as áreas, inclusive na da medicina, a atual geração nunca imaginou que seria encurralada e ameaçada não pela bomba atômica ou pelas armas químicas dos ditadores, mas sim por uma microscópica proteína coberta de finíssima camada de gordura, um vírus.

Desastres naturais ou humanos não têm só o lado ruim: quando deixam sobreviventes, deixam junto com estes muitas lições. Ao longo da História impérios nasceram e entraram em decadência; esse movimento ensina-nos que é mais inteligente investir em educação e solidariedade para

sobreviver em qualquer cenário.

Mahatma Gandhi acreditava que o que destrói a humanidade é a política sem princípios, o prazer sem compromisso, a riqueza sem trabalho, a sabedoria sem caráter, os negócios sem moral, a ciência sem humanidade e oração sem caridade.

E todas estas questões estão aí para serem discutidas, como a questão da acelerada reprodução humana e suas consequências. Do jeito que vamos, caso não haja mudanças, poderemos ser classificados como pragas, do tipo que devoram tudo pela frente.

Está patente que precisamos retomar uma educação mais humanista e com ética: formar mais educadores, mais médicos, mais jornalistas, mais juristas e mais “cuidadores” com compromisso com o coletivo e o público.

E não podemos abrir mão da proteção dos ecossistemas diversos e outras formas de existência.

Por isso, evoco as Tribos da Sensibilidade. Aprendamos uns com os outros. “Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade

28 seja nossa própria substância”, como propunha Simone de Beauvoir. Evoluir é cuidar.

Albert Einstein, quando cravou que “a palavra progresso não terá sentido enquanto houver crianças infelizes”, sabia, tal como Martin Luther King, “que a injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo lugar”.

O modo pelo qual mulheres, negros, indígenas, refugiados, ciganos e outros oprimidos ainda hoje são tratados nas vastas latitudes e longitudes do Planeta Terra causa repulsa, apenas reafirmando que a submissão do Homem pelo Homem e do gênero masculino sobre o gênero feminino vêm de longe.

Sob a triste luz deste século, nas práticas cotidianas ainda se percebe uma monocultura mental que atribuiu à mulher o estatuto de segundo sexo, passivo e à disposição dos homens.

Em simultâneo, o eurocentrismo atribuiu aos não-europeus a tarja de cidadãos de segunda classe.

Esta realidade reforça os abismos criados entre vida

e economia, entre o trabalho e os modos de vida, entre as mulheres e os homens, entre os europeus e os não-europeus.

Por trás disso está entranhado o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo, cheios de garras repugnantes.

Abre-se hoje em dia, sem dúvida, uma nova era de desafios importantes e sérios que as democracias terão de enfrentar, provavelmente durante umas décadas. É inegável que a globalização liberal, posta em marcha no final do século passado, entrou numa fase crítica devido à sua clara e consciente desregulação caótica, responsável por suas contradições atuais.

A busca de um novo equilíbrio eco-econômico-social planetário é, portanto, imprescindível. Enfrentar o desafio deste novo período exige imperativamente que as democracias encontrem modelos econômicos e sociais que apostem, de forma efetiva, na eliminação da grande fissura atual da desigualdade, e fortaleçam o respeito mútuo e a solidariedade.

Charles Chaplin, em *O Grande Ditador*, lembrou-nos que “nós desenvolvemos a velocidade, mas nos

30 fechamos em nós mesmos; que as máquinas que produzem abundância têm-nos deixado na penúria; que o aumento dos nossos conhecimentos tornou-nos cépticos, empedernidos e cruéis”.

É verdade que pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que tudo, precisamos de inteligência, bondade e compreensão. Sem essas virtudes, estaremos todos perdidos. Se podemos financiar uma guerra, porque não podemos dar de comer aos pobres ? (If we can fund a war, why we can't feed the poor?) Luto é verbo e sentimento.

Haverá neste mundo lugar para todos? Segundo Hakim Bey, “quando a vida social da terra for harmonizada, nosso planeta voltará a ser incorporado no universo da Paixão e serão experimentadas vastas transformações na forma do corpo humano, no tempo atmosférico, nos animais e nas plantas, e mesmo nos oceanos”.

O certo é que estamos em uma jornada. A nossa bagagem é o que nós somos, o que nos foi dado como herança cultural e toda a harmonia que formos capazes de gerar. As lembranças serão melhores ou piores, dependendo

de nosso agir.

Bom seria que lembrassem dos humanos assim: E fizeram novas escolhas. E sonharam com novas visões. E criaram novos modos de vida. E curaram-se e a Terra curou-se completamente.

Será que atingiremos esse nível de maturidade?, perguntei. O mundo é novo todo dia, retrucou o oráculo. E isso é um mistério. Mas também nada é igual e não será como antes. Nenhum de nós é igual ao que foi antes. Com o Cosmo e as suas leis temos uma dívida de gratidão. Os vírus estão a explicar-nos isto, com um grande custo.

E então a voz do oráculo ficou ainda mais gutural, quando falou assim: Pensamentos exigem Práticas para Novas Primaveras. Eis aqui algumas sugestões:

HARMONIZAR OS ESPÍRITOS

É necessário proteger e respeitar todas as existências, todas as formas de vida animadas e inanimadas, todos os ecossistemas: sem isso não haverá equilíbrio nem paz.

Temos que partilhar a responsabilidade e o sentimento de que o destino não é só individual, mas sim que todos à nossa volta dependem das nossas ações. Valorizar a solidariedade vai de encontro à reciprocidade, ao sentido de pertença a uma comunidade, sabedores de que temos que cuidar para que cuidem de nós.

DISSEMINAR CONHECIMENTO PARA MELHORAR O NÍVEL DE COMPREENSÃO

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda. Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo. Cada um de nós é um ser transformador, como foram e são muitos de nossos professores e professoras. As palavras de Paulo Freire aqui ecoam, pois aprender não é um ato findo. Aprender é um exercício constante de renovação. Portanto, partimos da premissa de que o conhecimento emancipa os cidadãos e cidadãs e esses ganham condições de colaborar para a emancipação do coletivo. A educação necessita tanto de formação técnica e científica como de Humanidades, sonhos e utopias.

REAFIRMAR AS ECO-HUMANIDADES E CULTIVAR A ARTE E A CULTURA

Mais do que nunca as Humanidades precisam estar em contato constante e direto com a realidade, centrando a sua atenção numa cosmovisão. As Eco-Humanidades são fundamentais para construir uma política com mais empatia ecológica, com maior consideração (mas não só) pela ecocrítica, ecopoética, biosemiótica, ecolinguística, ecotradução, pelos ecofeminismos e por uma sociedade mais igualitária, justa e sustentável. Temos de nos valer da arte e da cultura, que devem receber o tratamento devido. Muito longe de estar descolada da realidade, a arte é capaz de desvelar o mundo de novas maneiras, apresentar-nos possibilidades, interpretações pessoais e plurais.

AVALIAR A SOCIEDADE DO CONSUMO

A segunda inscrição na entrada do Templo de Delfos — nada em excesso — não impregnou o pensamento ocidental de maneira tão rica, mas é ainda assim um conselho sábio, a que deveríamos prestar mais atenção. Esse preceito, atribuído ao célebre legislador ateniense Sólon, é uma das consequências lógicas do autoconhecimento: se sei quem eu sou e o que vim fazer neste mundo, se entendo que sou mortal e um indivíduo entre os mais de sete bilhões de humanos num mundo habitado por muitas outras espécies, é absurdo supor que possa fazer uso das coisas do planeta como se só eu existisse. Os que consomem mais (os mais ricos, as empresas) vão ter que diminuir o consumo de energia e também a geração de resíduos poluentes. Não faz sentido comer demais, se você come demais. Neste caso, estamos falando de quem tem mais recursos, que são os que podem

mais; não dos desprovidos, dos desassistidos e famintos. Trabalhar demais, divertir-se demais, fazer exercícios demais, ocupar-se demais da política e, mesmo pensar demais: tudo isto precisa ser repensado. Também a língua tem de ser posta sob rédeas curtas. Tudo tem a sua medida, a sua medida e devemos fugir às quantidades fora das proporções e da falta de compromisso com a coletividade. A virtude cardeal a que o preceito se refere é a da temperança ou moderação. Nenhum de nós tem de ser um Sólon para entender que o padrão de consumo apregoado pela publicidade é totalmente irrazoável. E insustentável já, hoje. O que é problemático é que construímos sociedades que se baseiam na acumulação indefinida de bens, como se os recursos da Terra fossem infinitos.

SABOREAR OS ALIMENTOS

Onde há boa alimentação não entra remédio. Onde entra remédio é por que não teve boa alimentação. Temos que repensar nossos hábitos de vida e de consumo, especialmente os alimentares, tanto no que tange ao que consumimos quanto a como consumimos. Mas o que não podemos mais admitir é o desperdício que acontece todo dia enquanto milhões padecem com fome. Buscar produzir parte do alimento que você consome fará bem ao seu estômago e à sua alma.

A ética serve para os seres humanos questionarem os princípios orientadores da vida humana, as normas e os respectivos fundamentos, o valor da existência de cada ser. Agir corretamente e com ética é mais importante do que ter esperança.

Ainda há sujeitos com caracteres predominantemente antropocêntricos (que sustentam o homem como o centro do mundo) e androcêntricos (que têm como medida de todas as coisas o homem branco ocidental). Passou da hora de desmecanizar o olhar. O reconhecimento de que vivemos não em um universo, mas em um multiverso, abre espaço à diversidade de conhecimentos e práticas presentes em muitas experiências, as quais estão operativas no planeta e abraçam racionalidades integradoras da coexistência humana e não-humana.

ENTENDER AS FORMAS DE PODER E DOMINAÇÃO

O capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são forças que precisam ser compreendidas e combatidas. As três formas de poder estão de tal maneira articuladas que nenhuma delas existe sem as outras e seus tentáculos prendem e subjagam a maioria dos seres, não só humanos, há séculos. É preciso questionar e enfrentar as forças de dominação todos os dias, pois estimulam o racismo, a xenofobia, a manutenção das castas, a rejeição à diversidade, a paranóia terrorista, o consumismo desenfreado, o feminicídio, a dizimação dos nativos indígenas, o encarceramento dos dissidentes — ações essas muitas vezes escudadas pelas religiões. Entender como estas forças funcionam e agem é imprescindível para que os movimentos sociais possam lutar juntos, sem barreiras, rompendo outras formas de dominação.

DESCOLONIZAR A HISTÓRIA

Para avançarmos em um caminho humanitário, descolonizar a História é fundamental. Seja nos países colonialistas ou nos colonizados, a História ainda é contada como no passado, repetindo a visão dos colonizadores na maior parte do tempo, numa ação orquestrada para rejeitar a realidade histórica e tentar apagar a memória dos subjugados, dos explorados, dos violentados. A escola é o lugar para formar o respeito à diversidade, para aprender a conviver com as diferenças, para valorar todos os saberes.

REPENSAR AS RELIGIÕES

À sombra de Deus, os mercadores de templos têm se aproveitado da fé para enganar e escravizar populações em toda parte. Essa ideia de que alguém se aproxima de outra pessoa para lhe dizer “o teu Deus é falso e eu trago-te aqui o único e verdadeiro Deus”, parece uma coisa detestável. Todo esse jogo manipulativo, aliado às imagens do inferno e do pecado, capazes de atormentarem a vida de milhões de pessoas mundo afora, precisa ser discutido. As religiões, em sua maioria, têm mantido os fiéis alienados, desde tempos imemoriais. Por outra mão, as religiões nunca serviram para aproximar os seres humanos, mas para os dividir, para lhes infligir sofrimento. E isto parece de tal forma absurdo, que José Saramago via a religião como o lugar do absurdo por excelência.

GARANTIR JUSTIÇA, IGUALDADE, EQUIDADE

O preceito “conhece-te a ti mesmo” também tem relação estreita, a meu ver, com uma das virtudes cardeais: a justiça. Ninguém pode ser justo com outra pessoa sem, primeiramente e acima de tudo, ter aprendido a ser justo consigo mesmo. Alcançar os ideais de justiça, igualdade e equidade é um passo importante a dar. Experimentar essas virtudes deve ser um direito de todas e todos.

ACABAR COM AS GUERRAS

Diminuir a violência se faz imperioso, em todas as esferas e em todo lugar. Promover o diálogo vai ajudar a harmonizar as relações interpessoais e interculturais. Ouçamos as vozes que pedem mais educação, saúde, habitação e que o estado não use a força indiscriminadamente contra seus cidadãos. A guerra não é solução. Saibam que os Estados Unidos desperdiçaram bilhões de dólares em despesas militares para submeter países que procuravam sair da sua hegemonia e no que isto resultou? Destruição, ódio, dor. A estupidez humana já foi provada em todas as guerras. E continua a ser reiterada pelo uso da força policial e todas as formas de subordinação de outrem.

REPLANTAR, CUIDAR, DESPOLUIR

Wagner Merije

Plantem mais árvores, flores, ervas e alimentos. Ponham sementes boas na terra e cuidem bem da terra e do solo. Preservem os rios e mares, fontes de água. Parem de poluir o ar que respiram. E se tiverem filhos, falem dessa nossa conversa para eles e elas. Ser criança é poderoso demais. Precisamos mostrar aos pequenos desde cedo que o equilíbrio é tão importante quanto vital. Os humanos talvez tenham sido uma das espécies mais arrojadas e dotadas de virtudes até hoje, mas tudo isto é relativo, se colocarmos na balança seu lado nocivo e predador.

CULTIVAR A CURA

Cultive tudo o que cura. Cuide do corpo e da mente. Cultive a diversidade ao seu redor. Troque o ódio, a raiva e a vingança por pensamentos de solidariedade. Isso pode ajudar você a não enlouquecer. A destruição, o caos e o abandono dos mais humildes não são situações aceitáveis, onde quer que ocorram. Pratiquemos a cura. Vamos engajar todo mundo nesta missão. Já é sabido, a maior força curadora é o amor e a reciprocidade carinhosa. Ao tomarmos consciência disto, tudo o que foi dito até aqui passará a fazer mais sentido. Não é simples, mas ame! De todas as maneiras! Seja carinhoso com tudo e todas e todos e todes. Se perguntarem pelo sexo, diga que revitaliza, que é um veículo para a libertação do corpo e da mente, e não uma mera fonte de prazer carnal e de subjugação. Ou de reprodução. Amar é o mais alto grau de inteligência e é onde está a cura.

A essa altura eu já tinha muito para pensar, mas havia mais para ser dito pelo oráculo: Lembro-te que a Revolução Francesa vos deixou um documento interessante, a Declaração dos Direitos do Homem, cujo primeiro artigo diz que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir uns com os outros num espírito de fraternidade. Os povos com mais pé no chão já sabem disso. Devemos estender isso para todos os seres que co-habitam a nossa existência.

Ouvi com atenção tudo aquilo. Havia um turbilhão no labirinto do meu peito. Ao final, levei as mãos ao *chakra* do coração e agradei ao oráculo por palavras tão inspiradoras.

Saí de lá um pouco mais sábio. À minha frente as 10 direções do infinito.

Presumo que enquanto lemos isto o mundo continua a girar, e no ritmo em que vamos, tudo pode mudar e mudará cada vez mais rapidamente.

Portanto, todo dia é de dia de agir com consciência.

E que assim seja, para todo o sempre, nas dez direções do infinito.

REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. “Cinco dificuldades no escrever a verdade”. In: *Teatro Dialético - Ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 45ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MERIJE, Wagner. “Gnōthi seautón: pensamentos e práticas à procura de novas primaveras”. In: *Propostas Novas para Novos Mundos*. São Paulo: Aquarela Brasileira Livros, 2020.

50 PLATÃO. *A República*. Tradução de Cristina Giro. Lisboa: Publicações Europa- América, 2003.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Porto: Porto Editora, 2014. 21ª ed.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Fim do Império Cognitivo - A afirmação das epistemologias do sul*. Lisboa: Leya, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Futuro Começa Agora - Da Pandemia à Utopia*. Coimbra: Edições 70, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Acedido em 26 de agosto de 2018, em https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Porto: Porto Editora, 2014. 21ª ed.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos familiares, a todos os amigos e amigas, educadores e não educadores, aos que se ajudam e trabalham pelo bem de todos.

Aos que acreditam na justiça, no amor e na solidariedade.

A Paulo Freire, Augusto Boal, Mahatma Gandhi, Bertolt Brecht, Boaventura de Sousa Santos, José Saramago e a todos os pensadores e pensadoras comprometidos com a ação transformadora.

A Marcia Langfeldt, Carlos Seabra e Erick Morris.

Romance

Psyché e Hamlet vão para Hodiollah (2019)
Cidade em transe (2015)

Poesia

Mexidinho (2017)
Viagem a Minas Gerais (2012)
Torpedos (2011)
Turnê do Encantamento (2009)

Jornalismo cultural

Astros e Estrelas – Memórias de um jovem jornalista em Londres (2017)

Educação e comunicação

Mobimento – Educação e Comunicação Mobile (2012)

Participação em antologias

Pulso da Palavra (2021)
Gritaço: crônicas parentais em confinamento (2021)
Propostas Novas para Novos Mundos (2020)
DiVersos - 71 poetas do Brasil (2019)
70 x Caio - Antologia poética com 70 poetas em homenagem a Caio Fernando Abreu (2019)
Coimbra em imagens (2019)
Coimbra em palavras (2018)
São Paulo em imagens (2018)
São Paulo em palavras (2017)
Pedaladas Poéticas (2017)
Penas, fluídos e bisturis (2017)
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)
The flame trees are in the blossom (Formosa International Poetry Festival 2015)
Antologia 28º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético (2014)

Prefácios, Posfácios, Apresentações

Pulso da Palavra (2021)
Propostas Novas para Novos Mundos (2020)
Fernando Pessoa - 31 poemas selecionados (2019)
Sonetos, de Camões (2019)
Clepsidra, de Camilo Pessanha (2019)
Coimbra em imagens (2019)
Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita (2019)
Tia Geralda, a morte e o gato, de Rômulo Garcias (2018)
Coimbra em palavras (2018)
São Luís em palavras (2018)
São Paulo em imagens (2018)
São Paulo em palavras (2017)
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)

Edições

Pulso da Palavra (2021)
Propostas Novas para Novos Mundos - vários autores/as (2020)
Visibilidade e Respeitabilidade: Memória e luta dos negros nas associações culturais e recreativas de São Paulo (1930-1968), de Maria Aparecida Pinto Silva (2020)
Breve, de João José Cochofel (2019)
O garoto Regulus - Freireando a vida, de Paulo Rafael (2019)
Origem e Ruína, de Paulo Branco Lima (2019)
Os Segundos Nomes, de Anthony Clown (2019)
Fernando Pessoa - 31 poemas selecionados (2019)
Sonetos, de Camões (2019)
Clepsidra, de Camilo Pessanha (2019)
Peregrinação Crioula, de Paulo Branco Lima (2019)
Coimbra em imagens (2019)
Tia Geralda, a morte e o gato, de Rômulo Garcias (2018)
O cárcere de Newton e outros contos, de Bruno Macêdo Mendonça (2018)
Coimbra em palavras (2018)
São Luís em palavras (2018)
São Paulo em imagens (2018)
São Paulo em palavras (2017)
Almas da liberdade, de Paulo Rafael, Romildo Ibeji e StiãoJS (2017)
Pedaladas Poéticas (2017)
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)
Pelos periferias do Brasil vol. 6 (2016)
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)

Infanto-Juvenil

O Cotovelo Kovid (2020)

Esta obra inaugura a coleção **Educação, Pensamento & Ação**, que tem como objetivo expresso debater questões específicas para o bem comum, fomentando a diversidade e pluralidade democráticas, essenciais para que a civilização triunfe sobre a barbárie.

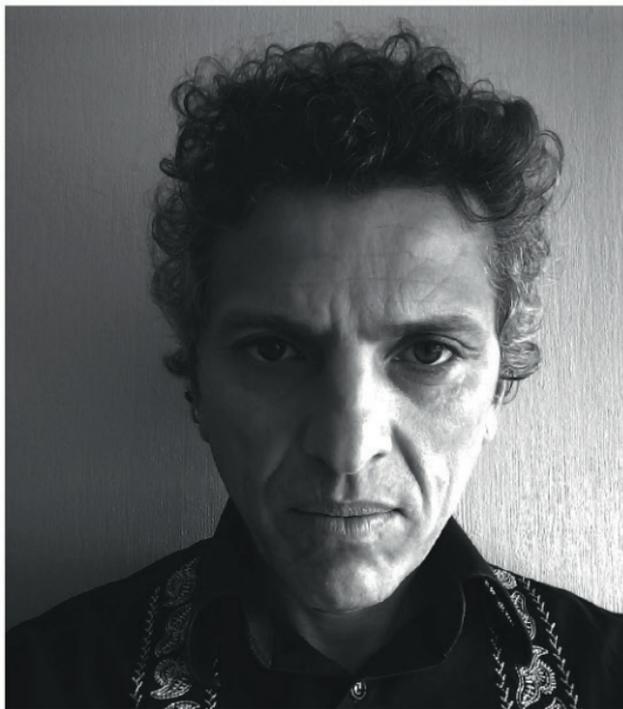
Wagner Merije, autor desta obra e criador e editor da coleção, inicia trazendo-nos palavras dos oráculos, essa ponte entre o ser, o vir a ser e o pode ser.

“Os seres humanos estão confusos, tremem perante os monstros que criaram e parecem não entender de onde vieram, com quem compartilham o mundo e para onde vão” – não é isto uma perfeita síntese do mundo em que vivemos, com malévolos vírus, pérfidos governantes e escusos interesses?

“Chegou a hora do ser humano parar de tentar se impor sobre o planeta e perceber o sentido da comunhão” é mais do que uma resposta fornecida pelo autor-oráculo e sim uma pergunta que cada um de nós precisa fazer a si mesmo.

Para subir essa escada, Wagner Merije elenca uma série de temas, degraus essenciais para esse avanço civilizatório, que não os listaremos aqui para não dar spoiler!

Carlos Seabra é editor, escritor, criador de jogos e educador



Wagner Merije (Wagner Rodrigues Araújo) é educador, jornalista, escritor, editor, gestor cultural e criador multimedia envolvido com projetos ligados à cultura, educação, meio ambiente e cidadania. Suas reflexões sobre a condição humana vêm sendo apresentadas nos últimos anos em livros, filmes, discos, exposições, peças de teatro e dança, e em conversas e palestras ao redor do mundo. É investigador na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Mantém o endereço www.merije.com.br

Aquarela Brasileira Livros
Brasil - Portugal

Conheça nossas publicações.

José Saramago argumentava que “sem futuro, o presente não serve para nada” e esta é uma questão em debate neste livro: que presente e futuro temos diante de nós?

Os seres humanos estão confusos, tremem perante os monstros que criaram e parecem não entender de onde vieram, com quem compartilham o planeta e para onde vão.

O que o autor deseja e propõe é um novo mundo, em que a humanidade possa se reconhecer e se reconciliar com a paixão existente no multiverso, em harmonia com as outras milhões de espécies.

aquarelabrasileira.com.br

ISBN 978-658686708-4



9

786586

867084